



NO ARMÁRIO ATÉ QUANDO? NARRATIVAS DE UMA PRISÃO SEM PAREDES

Antônio Gabriel Feitosa Rolim; Philippi Rios da Silva

gabrieo.antoniorolim@gmail.com;

Universidade Federal do Vale do São Francisco, philippirios@gmail.com.

RESUMO: O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa na área de sexualidade, de cunho exploratório-descritivo, construído sobre a perspectiva do modelo de etnografia online, utilizando-se da técnica de observação, visando compreender a dinâmica dos sujeitos frente a essa prisão imaginário e seu cessar diante dela. Os resultados apontam o armário como um emaranhado de relações, saindo da esfera psíquica, influenciada mais pela social, evidenciando fatores como dependência, reação familiar, preconceito e perda de laços. Nesse contexto, colocam o ambiente online como espaço neutro e de possibilidade (talvez única) de vir a ser quem de fato é, contornando a esfera política.

Palavras-chave: Homossexualidade; armário; dentro e fora; segurança.

FUNDAMENTAÇÃO

A cultura, com seu alto potencial de ditadora, intercede nos sujeitos de modo a definir padrões de beleza, consumo, sexualidade, dentre outros. Pensando nessa produção, utiliza-se Preciado (2011) para falar em *sexopolítica*, uma ação biopolítica que discursa sobre o sexo e tecnologias de normatização. Através deste instrumento, a heterossexualidade foi estabelecida como um modelo a se seguir, num regime político destinado a produzir corpos *straight* (*idem*, 2011).

Nesse regime disciplinar, não havia espaço para a homossexualidade, dessa forma gerou-se um processo de exclusão, baseado na ideia de *limpeza social*, visto que era tida como condição imprópria. É pensando nessa produção biopolítica que Rubin (2003) fala dessas políticas de limpeza social, que, agora

patologizada, com o apoio do viés científico, jurídico e social, levou a sociedade a remover esses sujeitos do convívio social, o que fez com que eles passassem a viver um processo de dupla identidade e se organizassem em espaços neutros, conforme Foucault (1988) explanava – espaços longe do olhar inquisidor.

Observando o efeito do biopoder e as formas de contorno (espaços neutros), Preciado (2011) fala de um movimento de corpos na ideia de construção, onde trata:

“o corpo não é dado como passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação protética dos gêneros (p14).

Retomando o discurso sobre a homossexualidade, sua rejeição parte da base judaico-cristã, observada como pecaminosa por descumprir as normas canônicas, no que diz respeito a procriação (KERN & SILVA,



2009). Do pecado ao preconceito, essa rejeição não é apenas mantida pelo dogmatismo cristão. Nota-se com frequência esse movimento de exclusão vindo do machismo, sob a égide da primazia do *homem* na sociedade (NUNAN & JABLONSKI, 2002). Mas podemos observar esse movimento como efeito das tecnologias sobre os corpos, orientados por uma matriz histórica - heterocentrada (PRECIADO, 2014).

As políticas de limpeza social, Stonewall e os movimentos sociais que seguiam da década de 80, empoderaram a cultura gay. Com o passar dos tempos, observando Trevisan (2011), as figuras de gênero nunca mais foram as mesmas. De Dzi croquettes à RuPaul, as comunidades gays tem atuado sobre uma perspectiva que Nunan & Jablosnki (2002) conversam, o desprendimento das amarras de gênero.

Nunan & Jablonski (2002) falam desse modo de organização gay como uma subcultura e a definem como uma articulação ideológica coerente com um conjunto de significados – crenças e comportamentos – sendo também uma complexa modalidade de interação e organização social, que pode ser partilhada tanto por homossexuais quanto por heterossexuais que não pratiquem o preconceito e a discriminação, desse modo, sendo uma cultura paralela a dominante heterossexual com valores e normas distintos.

É sobre o armário que se pretende-se falar. Uma estrutura não-física sobre a qual o sujeito experimenta a vida, resguardando nele sua experiência singular frente ao esquema de cálculos e possibilidades de ser gay. Para Filho & Rodrigues (2012), um espaço onde se desenvolve linguagens, performances e *ethos*. Sedgwick (2007) fala de vários armários, cada um referenciado o círculo de amizade desenvolvido, e porque não dizer nicho social? Cada armário, ou cada espaço, vai requerer do sujeito uma demanda, uma postura, um levantamento do sujeito concernente à exposição ou sigilo. E vai além, pois para cada armário posto frente ao contexto, podem-se haver derivações, dito de outra forma, um armário judeu não é o mesmo que um armário católico.

Para Nunan (2003), sair do armário reconfigura a vida do sujeito na esfera social e psíquica. Diante disso, a angústia que surge desse processo, não vem da descoberta, mas da ideia de que sofrerá rejeição. Sobre essa rejeição, Filho & Rodrigues (2012) falam da dinâmica familiar citando Butler (2003), da existência de uma heterossexualidade compulsória adotada como padrão, trazendo com reflexo das relações de poder entre os sexos na ditadura cultural, que delega aos corpos e sujeitos modos de agir e ser. Diante da descoberta, tapas, socos e xingamentos se fazem presentes para trazer à tona a



heterossexualidade perdida, de acordo com Soliva (2014), de forma que, a agressão em casa, difere da sofrida na rua, pois no lar, além da dor física, existe a dor causada pela agressão de alguém com quem havia um laço afetivo.

É diante de tamanha possibilidade de frustração que os jovens permanecem no armário diante da família. Seu rito de passagem se dá através das amizades, como a primeira ida a ambientes de homosociabilidade, sem conhecimento dos pais. Lá, formam-se as primeiras redes de amizades (SOLIVA, 2014). Na pesquisa de Filho & Rodrigues (2012), as amizades aparecem como rede de apoio. Interessante mencionar, que os espaços de homosociabilidade provocam a extravagância, *fechação* e o *close*. Esses espaços são locais de encontro de *outsiders*, longe do civilizador, mas mesmo aqui existe um processo de normalidade e anormalidade por entre os transeuntes (FILHO & RODRIGUES, 2012).

Na modernidade, segundo Hall (2006), vivencia-se um espaço plural, com identidades múltiplas, complexas e amparadas pelo intercâmbio cultural, frutos de uma globalização. Nessa situação, observa-se que a ideia de espaços neutros de Foucault (1988), torna-se bem mais possível, no advento das redes sociais, espaços onde, segundo Le

Breton (2003), os sujeitos podem se montar e viver relações no anonimato. Assim, as redes sociais aparecem como subterfúgio das relações homossexuais.

Para Nunan (2003), os grupos nas redes sociais representam um espaço de livre expressão sexual, longe da violência e discriminação do mundo a fora e que, aliados ao movimento pós-moderno da globalização, essas comunidades incidem positivamente na forma de construção identitários dos mesmos, rompendo a negatividade dos estereótipos e fortalecendo a autoestima a partir do senso de nós, de orgulho do que é, a partir das experiências alheias.

O ciberespaço, cultura associada ao mundo da tecnologia, possibilita navegar por culturas, formar grupos, etc. Para Nussbaumer (2010), falando a partir de Levy (1999), e Le Breton (2003), a cibercultura coloca os sujeitos num nível de igualdade “de todos para todos”, lembrando com isso da possibilidade de montar a si mesmo neste espaço, de reconfigurar seus marcadores sociais e reexibir-se.

Ainda sobre ciberespaço, compreende-se que a abertura para todos requer algo prévio: uma conexão, um dispositivo e uma adaptação à rede, uma vez que ela mesma tem sua configuração: organização (LE BRETON, 2003). Aliado a essa questão, faz-se



importante falar da *fantasia de presença*, que provoca no sujeito a sensação de presença no mundo online, corroborando para a abertura deles nesse ambiente, da mesma forma que fortalece e cria laços culturais (MILNE, 2007).

Mas nem tudo são flores, e alguns gays ainda se colocam na posição de vida dupla, escondendo de uns e exibindo aos outros seu verdadeiro eu. Para tais, objetivou-se, enquanto pesquisa, compreender a recusa por sair do armário.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa na área de sexualidade, de cunho exploratório-descritivo, construído sobre a perspectiva do modelo de etnografia online de Mann & Stewart (2000), seguindo o modelo não-probabilístico de amostra (GRESSLER, 2003). Partindo desse aspecto metodológico, buscou-se conhecer o ambiente previamente a coleta de dados e no processo de pensar a pesquisa, na ideia de conhecer o mínimo possível sobre o fenômeno ao qual pretende-se estudar, como testemunha de um mundo novo. Cabe ressaltar, aqui, que os presentes autores já estavam inseridos no campo de pesquisa há cerca de dois anos.

A técnica utilizada foi a de observação online, que consiste em observar o comportamento dos usuários no espaço

online, de forma a captar os comportamentos linguísticos ali presentes, buscando ver ações, reações e interações no ambiente, de forma a capturar o aparelho cultural ali vigente.

Em relação aos dispositivos éticos, convém informar que o uso de material público prescinde parecer de comitê de ética e deontologia, mas, em respeito a normativa 466/2012, garante-se a inviolabilidade das informações dos sujeitos, mesmo que público, bem como seus respectivos discursos.

O conteúdo coletado foi submetido a análise de conteúdo temático-categorial (BARDIN, 2004), composto por três etapas, são elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, bem como suas inferências e interpretações, significando-os.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O documento principal, do qual originou-se este trabalho, compete à temática do *coming out*, traduzido para o português como a saída do armário, metáfora que representa o processo de assumir-se gay. O artigo principal dá ênfase aos discursos de assunção sobre sua homossexualidade para tanto, utilizar-se-á neste artigo dos discursos dos sujeitos não assumidos¹.

¹ Com “assumido” estão compreendidos aqueles homossexuais que fazem gozo da sua sexualidade também na vida social. Ou ainda, contextualizando com esse trabalho, se refere àqueles que não escondem sua sexualidade da sociedade, que saíram do armário.



A postagem ocorreu em grupo de Facebook, uma comunidade online de abrangência gay, definida como grupo de entretenimento, com frequente movimentação. Na postagem, um usuário compartilha sua história de saída do armário com os demais membros, em caráter público, convidando os demais a apresentarem as suas experiências nesse quesito. Ao todo, foram observadas 205 interações, excluída a chamada principal – a postagem convidativa. Destas, registrou-se 124 depoimentos, e destes, 14 afirmaram ainda não terem se assumido.

Diante dos dados, observou-se que o assumir em questão referenciava a relação com pais e cuidadores, observando também que dentro da própria comunidade os sujeitos são reconhecidos como gays. No processo de categorização, observou-se a divisão em quatro categorias temáticas, sendo elas: medo, saúde, oportunidade e intenção.

Uma breve história do grupo

O Lana Del Ray Vevo (LDRV) é um grupo de entretenimento que encontra-se na sua 9ª edição. Para tanto, esse trabalho se pautou em uma postagem acontecida na *season 7* – equivalente a 7ª edição – que continham pouco mais de 30 mil membros,

antes do encerrar². Sua temática paira mais sobre o culto a *Divas pop*, mas seu conteúdo vai além disto, da vergonha ao sair de casa, até problemas de relacionamentos com a família.

O grupo dispõe de um mecanismo linguístico de comunicação, através de memes³ e bordões, reconfiguram as discussões, trazendo bom humor ou discórdia. Além disto, existe um aparato de regras que existem para que seja possível uma boa convivência entre os membros, deixando claro que o espaço é livre para entrar e sair, falar e observar, mas necessariamente estariam sujeitos a sanções – nada exorbitante.

Sobre a composição do público do grupo, de acordo com o *Censo-LDRV*⁴, organizado em cada *season*, é de abrangência nacional e internacional. Por último, ganha destaque a postura de ativismo político dentro da comunidade, de forma a desconstruir tabus e preconceitos, em defesa da diversidade.

CATEGORIAS:

² A finalização da *season* é um fato comum, de onde, a partir de algum evento cataclísmico, como saturação política, denúncias de ex-membros, guerra de comunidades ou desentendimento de administradores acabam encerrando este e iniciando outro, por um processo de arrebatamento, onde se analisam, através de uma lista seleta (e negra), os usuários que desrespeitaram as regras de boa convivência.

³ Montagens com fotos e frases ou *print screens* de programas televisivos.

⁴ Os membros organizam a postagem com os estados e os integrantes vão se marcando.



Medo

Nessa categoria, a primeira reflexão fala do receio de rejeição, reprovação, expulsão do lar e até mesmo de agressão física por parte de seus tutores, justificando seu receio pela descrença de que a seus pais seria mais conveniente ter um “*filho bandido à gay*” (sic), manifestando haver forte influência religiosa sobre suas ponderações.

Em uma primeira análise, observa-se a ideia de inadmissão pela dissidência à heterossexualidade compulsória, ao passo que, citando Badinter (1993), Soliva (2014) fala da responsabilidade dos pais em imprimir as primeiras prescrições e interdições do ideal de sexualidade e gênero, observando assim uma ideia de responsabilidade pelas *escolhas* dos filhos. Da mesma forma, o processo histórico mostra um olhar sobre a homossexualidade sob a ótica religiosa. Nesse contexto, entendendo que a religião representaria um saber majoritário e seria colocada como essencial para os sujeitos, resguardar-se aos princípios religiosos seria uma forma de manter a coerência do lar, observando que a mesma diz da homossexualidade como prática reversível e abominável, capaz de destruir a família (KERN & SILVA, 2009).

Numa segunda reflexão, volta-se a questão da intolerância, onde o sujeito teme

assumir-se por conta da mãe preconceituosa, que mesmo tendo um irmão gay e uma família contrariando seu posicionamento, age como tal. Nesse sentido, ainda que a mãe tenha tido um irmão gay, isso não necessariamente indica que o seu filho esteja livre de represália para também sê-lo – compreendendo dessa forma que as relações não são as mesmas. Nessa reflexão, é importante observar que o ato de *assumir-se* gay não é algo individual. Há de se considerar que essa mudança na sua representação social traz consigo interferências em suas relações sociais (SEDGWICK, 2007).

Um último relato dessa categoria traz uma relação não proximal com o pai, ignorando o fato das irmãs desconfiarem dele, pois enxerga-o (o pai) como um ogro, temendo uma “*reação louca*” deste, pois na família já tem tios preconceituosos e, além de tudo, depende “100%” (financeiramente) do seu pai. Por fim, declara que se sua mãe estivesse presente com ele, seria mais fácil assumir-se, seria diferente. Cabe aqui duas ideias, a primeira delas é a respeito da figura do pai, interpretada como sujeito voraz, violento e de força, ao passo que aloca a mãe na condição de amorosidade e afeto. Outra ideia, segundo Nunan (2003) é a de consequências físicas e emocionais em decorrência do assumir-se. Desse modo, é comum que o sujeito opte por viver uma vida



dupla – colocando a vivência da sua sexualidade em segundo plano – até que consiga alcançar a tão almejada independência financeira. Soliva (2014) reitera falando que a dependência financeira pode ser um instrumento de controle que os pais teriam sobre a sexualidade dos filhos, após conhecimento dela, mantendo-os no padrão desejável.

Finalizando, de acordo com Madureira & Branco (2007), são nessas tentativas de evitar confrontos com os entes, assumindo essa posição de enclausuramento, moldando a seu próprio por decorrência de um modelo a seguir.

Saúde

Nessa categoria, duas reflexões que concordavam uma com a outra demarcaram contexto: o fator de complicações do quadro de saúde de um terceiro. O sujeito comenta que sua mãe sofre de alguns problemas de saúde (os quais não menciona) e que teme que sofra algum agravo com isso, diante do abalo que supostamente poderia causar-lhe. O outro sujeito compartilha da situação, descrevendo que não assume pelo mesmo motivo.

Nesses dois casos, fica evidente a preocupação com o bem-estar da tutora (mãe) e que mesmo sabendo que arriscam sua vivência da sexualidade, tal qual pensariam em ter, pode ser adiada por tal questão. Essas

situações permitem que observemos a importância da vivência da sexualidade para o sujeito, sendo que essa, e suas consequências no plano afetivo-psíquico, são capazes de regular a experiência que esse sujeito terá consigo mesmo, com o outro e com o mundo – seu meio social (MADUREIRA & BRANCO, 2007). Para além do agravamento de uma condição de saúde, Soliva (2014) traz a ideia de desconforto frente a sexualidade, por terceiros, na ideia de não saber lidar com questões íntimas ou de tabus sociais, aglutinando a isso questões como a fofoca e o falatório, de afetar-se por interpretações alheias, pois pode-se citar que a representação social que tem-se sobre a homossexualidade, como traz Passamini (2015), num trabalho etnográfico, mostrando o fator representatividade negativa como impeditivo de assunção. Dessa forma, pode a família coagir ou sentir-se afetada de tal modo ou ao sujeito sufocar seu desejo.

Oportunidade

A terceira categoria vem reunir a ausência de oportunidade como motivo para *sair do armário*, levando a interpretar que um ato diligente não pode ser considerado, restando a responsabilidade à oportunidade, ainda que, para os mais corajosos e independentes, a boa aceitação pela sua comunidade em geral, é uma remota possibilidade (SEDGWICK, 2007).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nas reflexões, os sujeitos afirmam terem intenção de assumir, mas não o fizeram ainda, mesmo entendendo o jogo investigativo da mãe, interrogando-lhes sobre achar alguns atores bonitos, e negando, na tentativa de desviar essa ideia de ser gay, acreditando que as mães não tenham impressão formada sobre sua sexualidade. Nesse contexto, volta-se a Soliva (2014) para falar do roteiro de inconformabilidade com o roteiro que tomaria o sujeito, observando uma divergência do esperado. Nessa ideia de suspeita, esse roteiro pode se tornar mais coercitivo, fechando suas saídas.

A reflexão de um usuário chamou a atenção por conta do desfecho, onde disse que criou uma identidade gay perante o pai de uma amiga sua, para que pudesse ter acesso a sua residência, visto que o pai dela seria bem reservado. Com isso, sua mãe acabou descobrindo que o filho se apresentara como gay e foi conversar com ele, chorando:

“[...] minha mãe ficou desolada, não comeu nem comeu o dia inteiro, largou tudo o que tava fazendo e mandou uma mensagem dizendo que queria conversar comigo urgente, aí eu vi ela e ela começou a chorar muito e eu fiquei muito preocupado, aí ela disse ‘eu preciso te perguntar uma coisa, dependendo da resposta vou te jogar dentro desse lago’ (a gente tava num parque aqui em Goiânia). Não tive coragem de dizer sim, é uma das coisas que mais me arrependo...”. (sic)

Como desfecho, afirma que muito mudou depois desse dia, com o tempo, e que hoje sua mãe, mesmo não tendo confirmação sobre esse fato, quando questionada sobre a sexualidade de seu filho, diz que não mudaria sua relação com ele.

Trazendo esse discurso sobre a ótica de Sedgwick (2007), as experiências positivas de sair do armário não asseguram a esse processo a mesma positividade. Ela afirma que casos *ensolarados* não o são por si só, uma garantia para que não haja a violência ou a volatilidade da reação provocada pelo impulso, mas serve para evidenciar ou maximizar os casos em que se revela a homofobia e a intolerância familiar.

Em uma primeira análise, essa reação ameaçadora, a partir de Soliva (2014), seria um manifesto de uma ruptura de um sonho construído diante da imagem do filho ou do projeto familiar, de forma que essa situação provocaria uma crise nas relações domésticas, da mesma forma que pode-se evidenciar uma preocupação com a *má fama* e falatório. Trazendo o desfecho, segundo o sujeito, a relação hoje não é conflituosa, nem aberta, destacando que o cerco existente sobre sua sexualidade mudou. Para tal, supõe-se que a mudança de atitude da mãe se deva a uma provável reflexão a respeito do seu comportamento primeiro, claramente violento contra o seu filho e sua sexualidade.



Sem intenção

A última categoria compreende os sujeitos que não manifestam interesse em sair do armário, trazendo com isso a ideia de que “*assumir deve ser maneiro*” (sic), embora não demonstre o fazer, ou relacionando essa condição com o fator dependência, no caso mais para apoio, quando diz que jamais pensara em assumir, mas que um relacionamento fixo cultivou esse desejo, porém não prosseguiu por conta do término. Reitera que não assumiria hoje, mas diante da possibilidade de existência de suporte (não fazendo referência ao financeiro explicitamente) poderia ser um fator que modificaria seu ponto, registrando que sua maior dificuldade é explicar para seus pais que “*não é como todo mundo*” (sic).

Dessa questão, observando que esse processo atrairia questões que magoariam os sujeitos, uma vez que percebe-se a existência de conflitos e um rito de passagem doloroso – na maioria dos casos – mas que a existência desse suporte – que mais parece uma medida de socorro – poderia criar condições de mudança na atitude frente ao armário. Nesse sentido, segundo Nunan (2003) estar em contato com outros indivíduos também homossexuais, fortalece a noção de identidade, individualidade e normalidade, dando suporte para que esse possa viver e assumir essa sexualidade dissidente.

Corroborando com isso, Soliva (2014) fala da rede de amizades, normalmente os primeiros para quem se assume, que proporcionam a entrada nesses espaços de homosociabilidade, onde, a partir de relações afetivo-sexuais mais estáveis, nutre-se a possibilidade de assumir-se, pois acaba criando condições, parafraseando o sujeito: suporte.

Por fim, observou-se que no discurso dos sujeitos estava presente a figura da mãe, e pouco se falava da do pai. A mãe parece ser, nesse cenário, uma figura de conforto ou de maior importância e temência por desavença com ela (ou decepção), bem como de dar a ela a dádiva de ser a única que mereça (ou não) saber sobre tal. Por limitações teóricas, observa-se essa dicotomia pai-mãe a partir da lógica social dos corpos-homem e corpos-mulher, de onde idealiza-se uma maior compreensão pela figura afetiva e amorosa, que da violenta e bruta.

CONCLUSÃO

Algo que não se inclui enquanto categoria, mas que se fez implícito no discurso, é de que o tabu da assunção da sua homossexualidade diz respeito ao ambiente off-line e para sua família. Para tal, partindo de Nunan (2003), explora-se uma discussão sobre o espaço e/ou local onde o sujeito se insere, pois diante do limitar da normatividade, de corpos não *straight*, como



diria Preciado (2011), os sujeitos margeados não podem ser quem são fora dos ambientes neutros, não podendo pensar a rua como local neutro, ou mesmo *assexuado*, nas próprias palavras da autora, e diante dessa impossibilidade de ter sua liberdade sexual garantida em qualquer metro quadrado, o dissidente se apoia nos mecanismos que lhe garantam segurança e liberdade para ser quem seja, ou apenas um destes. Ou como nos traz Nussbaumer (2005), “a única oportunidade de conversar com iguais ou de se expressar enquanto homossexuais” (p.9).

De outra forma, chamamos a atenção para Trevisan (2000, *apud* NUNAN, 2003), ao diferenciar o ser do desejar, traçando uma marca sobre o fato de viver socialmente como gay ou de simplesmente desejar homossexualmente. Para tal, ele informa que o *coming out* seria uma forma de tornar-se socialmente gay. Para tanto, citando Passamini (2005), na tentativa de fugir do preconceito, os sujeitos abdicariam da publicidade homossexual, assumindo a posição de incubado⁵.

Finalizando, mas sem pôr fim, traz-se Nussbaumer (2005) para tratar da significância do espaço online no processo de *ser socialmente gay*, onde diz que a tecnologia proporciona modos alternativos de vivência da homossexualidade na

contemporaneidade, da mesma forma que cria lações afetivos e até limites e convenções morais e sexuais.

Em tempo, citando Parreiras (2009), pensando nesse confessionário virtual, pode-se observá-lo como uma vazão de desejos, fantasias e fetiches ou da possibilidade, talvez única, de sair do armário, pois seria impossível pensar essa confissão sem levar em conta a fantasia de discursar sobre si, seu sexo e seu corpo, ou mesmo ao anônimo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunan (2003) já postulava que o *coming out* não se trata de algo isolado ao sujeito. Conforme apresentou-se, a reação por terceiros se mostrou influente no processo - afinal o humano é um ser sociável, não vive isolado - sendo mais presente a expectativa negativa. Porém, esse fator negatividade responde a um processo doloroso pelo qual a homossexualidade passou e ainda passa: a rejeição em si e suas reverberações.

Assim, constata-se a limitação quanto a estudos que considerem a relação maternal dos sujeitos correlacionando aos estudos sobre o armário, inviabilizando maior propriedade sobre este quesito de discussão.

Com isso, compreende-se que assumir-se homossexual e exercer essa sexualidade livremente, nos contextos sociais é, em meio ao machismo e a homofobia, acima de qualquer coisa, um ato de militância.

⁵ Termo usado para designar o gay não assumido.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Uma militância pela visibilidade e aceitação dos homossexuais, e dessa forma, de obtenção de direitos. Sedgwick (2007), citando Philip Bockman, em *A fine day* (1986), deixa a reflexão:

O que você pode fazer, sozinho? A resposta é óbvia. Você não está sozinho, e não deve se dar ao luxo de tentar. Essa porta de armário, que nunca foi uma proteção muito segura, agora está ainda mais perigosa. Você deve sair, por você mesmo e por todos nós (2007, p.27)

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 2004.

FILHO, M. R. da S & RODRIGUES, C. I. Digressões homossexuais: notas antropológicas sobre o coming out, ethos lgbt e bajubá em Belém do Pará. *Nufem*: v 4, n 1, p44-58, jan-jun 2012. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v4n1/a05.pdf>> Acesso 26/04/2016.

FOUCAULT, M. 1988. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, 155 p.

GRESSLER, L. A. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. São Paulo: Loyola, 1 ed, 2003, 295p.

HALL, S. 2006. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. 102p.

KERN, F. A; SILVA, Andre L. A homossexualidade de frente para o espelho. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p 508-515, 2009.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 4 ed, 2009, 240 p.

MADUREIRA, A. F. do A; BRANCO, A. M. C. U. de A. Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 37, n. 1, p81-90, 2007.

MANN, C. & STEWART, F. Introducing online methods. In:_____. *Internet communication and qualitative research: a handbook for reseraching online*. London: Sage Publications, 2000. p 65-98.

MERCADO, L. P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. *Revista teias*, Vol. 13, nº 30, p. 169-183, setembro de 2012.

MILNE, E. Dragging her dirt all over the net: presence, intimacy, materiality v1.0. *Transforming cultures e Journal* Ano 2. vol 2 nº 2, dezembro de 2007.

NUNAN, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de janeiro: Caravansarai, 2003, 364 p.

NUNAN, A; JABLONSKI, B. Homossexualidade e preconceito: aspectos da subcultura no Rio de Janeiro. *Arquivos*

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



Brasileiros de Psicologia, v. 54, n. 1, p. 21-32, 2002.

NUSSBAUMER, G. M. Cibercultura, subjetividade e subjetivação. *O Olho da História*, Salvador, n. 14, 2010.

NUSSBAUMER, G. M. Homossexualidade e subjetividade online: um estudo de comunidades virtuais gays. Alceu: *Revista de Comunicação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro/RJ: PUCRJ. V 6, n 11, p 64-76, 2005. ISSN: 1518-8728.

PASSAMINI, G. R. O casamento como “armário”: histórias de um homem com conduta homossexual no pantanal do Mato Grosso do Sul. *Revista Latino Americana Sexualidad, Salud & Sociedad*, Rio de Janeiro, n 21, p 111-135, dez 2015. Disponível em <www.sexualidadsaludysociedad.org>. Acesso em 26/04/2016.

PASSAMINI, G. R. “Na batida da concha”: um olhar antropológico sobre homossexualidade masculina no interior do Rio Grande do Sul. *Sociedade em estudos*: Curitiba, v 2, n 2, p 9-19. 2005. Disponível em <<http://www.sociedadeemestudos.ufpr.br/atuais/arquivos/passamani%20pag%2009.pdf>> Acesso em 26/04/2016.

PARREIRAS, C. Fora do armário... Dentro da tela: notas sobre avatares, (homo)sexualidades

e erotismo a partir de uma comunidade virtual. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. & FÍGARI, C. E. (Orgs). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p 343-372.

PRECIADO, B. Multidões queer: notas para uma política de anormais. *Estudos feministas*, Florianópolis, vol. 19, n1, p.11-20, Jan/abr 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002>.

Acesso em 20/12/2015.

_____. *O manifesto contrassexual*: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de M. P. G. Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014. 224p.

RUBIN, G. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n21, p1-88, 2003.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, p 19-54, 2007.

SOLIVA, T. B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Revista Latino Americana Sexualidad, Salud & Sociedad*, Rio de Janeiro, n 17, p 124-148, Ago 2014.

TREVISAN, João S. *Devassos no paraíso*: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2011, 588p.